

Infâncias e masculinidade negras: um recorte pelo filme “Cidade de Deus” (2002)

Guilherme Vinicius Sampaio de Oliveira¹

Andrey Bonfim²

Kennid Teixeira³

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

RESUMO

Debatendo questões de representação negra no audiovisual, a pesquisa fundamenta suas reflexões a partir das teorias sobre infância, estereótipo e da teoria interseccional, compreender como é a representação da infância e da masculinidade negra retratada no filme “Cidade de Deus”, obra de autoria de Paulo Lins. Pretende-se analisar as representações masculinas a partir da persona das crianças presentes no filme e, em paralelo, observar como se dá a estereotipização e a construção do imaginário social acerca de homens negros periféricos.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade; Infância; Raça; Representação; Comunicação

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o cinema mostrou-se como um campo de significação do mundo, trazendo para a tela as subjetividades da vida real e de quem o produz, com representações dispostas em suas mais variadas formas (Hall, 2016). Nesse sentido, o filme “Cidade de Deus” (2002) retrata a construção de uma favela no município do Rio de Janeiro durante as décadas de 1960 e 1980, experiência essa que pode ser utilizada nos demais cenários das periferias brasileiras do século XXI (Ramos, 2006). As interrelações que são estabelecidas pelos fenômenos de racismo e violência (Kilomba, 2019) na existência de meninos negros, retratados em contexto de periferia, que são marcadas no filme, caracterizam a análise do filme Cidade de Deus e de seus personagens. As masculinidades e as infâncias retratadas no filme são marcadas por um recorte racial específico, por meio de personagens como “Zé Pequeno”, “Bené” e “Buscapé” e, dessa maneira, o filme da cara e a voz de homens negros.

Lançado em 2002, o filme foi dirigido pelos cineastas Fernando Meirelles e Kátia Lund, baseado no livro homônimo do escritor Paulo Lins, publicado em 1997, que

¹ Estudante de Graduação de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, Bolsista Capes, email: guilherme.oliveira7@sou.ufmt.br

² Estudante de Graduação de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, Bolsista Capes, email: andreyleite619@gmail.com

³ Mestrando em Comunicação e Poder (PPGCOM) da Universidade Federal de Mato Grosso, Bolsista Capes, email: kennidrt@gmail.com

conta, por meio da perspectiva do personagem “Buscapé”, a formação da comunidade que dá nome ao filme, no Rio de Janeiro, intercalando na narrativa fatos reais da história da capital fluminenses e do Brasil com fatos e personagens fictícios.

O cinema, como um meio de comunicação massivo, é um agente de significantes, que fabrica sentidos que não apenas reproduzem a realidade, mas também a definem (Hall, 2016). É a partir das teorias sobre a construção da infância e a construção da masculinidade, que este artigo pretende analisar elementos de representação dos sujeitos negros (homens e meninos), para a elaboração da identidade social a partir da representação. Pretende-se entender as representações masculinas a partir da persona das crianças presentes no filme e, em paralelo entender como se dá a estereotipização e a construção do imaginário social acerca de homens negros periféricos.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho tem como objeto de análise o filme Cidade de Deus (2002), com foco na construção dos personagens Zé Pequeno, Bené e Buscapé e em suas diferenças nas representações como adultos e crianças, examinando elementos como enquadramentos, estética visual e desenvolvimento narrativo. Metodologicamente, o estudo se baseia em Hall (2016) para discutir representações e estereótipos, destacando o papel da linguagem como eixo central da representação cultural, e em Carrera (2020) para incorporar a análise interseccional como ferramenta metodológica nos estudos de comunicação. Partindo do pressuposto de que o cinema tanto reflete a realidade quanto a constroi (Hall, 2016), a pesquisa explora como o filme influencia e define percepções sobre a masculinidade negra. Assim, o estudo se organiza em duas dimensões principais: a representação da masculinidade negra e a interseccionalidade.

Hall (2016) afirma que é impossível representar o mundo sem a construção de estereótipos, pois nós "decodificamos" os objetos com base em nossa cultura. Segundo o autor, uma etapa essencial do processo de representação é a linguagem, por meio da qual o indivíduo se consolida em seu meio como parte de uma cultura. O problema dos estereótipos está no fato de que eles simplificam características para facilitar a decodificação, as quais posteriormente são exageradas e banalizadas. Assim, Hall (2016) defende que "a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a 'diferença'"

(p.191), o que pode levar à discriminação e ao preconceito. Em resumo, o processo de estereotipização está ligado à cultura e integra a ordem social e simbólica.

A análise dos personagens em diferentes “momentos” da vida (infância e vida adulta) evidencia como a masculinidade negra é construída de maneira desigual frente ao padrão branco ocidental, como argumenta Correa (2018), ao demonstrar que raça, classe e sexualidade influenciam profundamente essas construções. Desse modo, a associação desses personagens com as representações negras mostram, também, as complexidades e diferenças entre esses três homens negros.

A interseccionalidade (Carrera, 2020) é utilizada neste trabalho para analisar os múltiplos sistemas de opressão presentes na sociedade, articulando marcadores sociais como raça, classe, gênero e idade, com foco nas discussões sobre masculinidades negras no campo da comunicação. O conceito surge do reconhecimento das diversidades dentro dos grupos raciais e de gênero, especialmente a partir das contribuições do feminismo negro e de mulheres racializadas, que destacam a necessidade de abordagens mais complexas para entender as desigualdades.

De acordo com Carrera (2022), o processo analítico não se limita a reconhecer as diferenças, mas exige que esse reconhecimento sirva como base para combater injustiças e opressões estruturais. Assim, ao examinar as representações das infâncias e masculinidades negras sob essa perspectiva, é possível não apenas criticar os estereótipos dominantes, mas também refletir sobre caminhos para promover justiça social aos grupos marginalizados, revelando como o cinema contribui para reforçar ou questionar representações de homens e meninos negros e suas masculinidades nas periferias brasileiras.

MASCULINIDADE: DO “SER MENINO” PARA “VIRAR HOMEM”

Segundo levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴ em 2021, 56% da população brasileira se autodeclarou preta ou parda, porém essa parcela da população ainda é sub-representada em produções audiovisuais e, quando representadas, são por personagens carregados de estereótipos. Longe de oferecer uma representação plural ou afetiva das infâncias periféricas, o filme “Cidade de Deus” captura fragmentos da realidade para construir uma narrativa que, embora

⁴ [Total de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas cresce no Brasil, diz IBGE](#)

denuncie desigualdades, frequentemente contribui para reforçar estereótipos de criminalização precoce de meninos negros residentes de favelas e periferias. O corpo negro é visto como um corpo perigoso (Kilomba, 2019), e isso se acentua quando se trata de crianças negras, que raramente são reconhecidas em sua condição de sujeitos da infância. A violência, nesse contexto, não é apenas um acontecimento externo: ela se torna linguagem, estética e identidade imposta.

As crianças estão imersas em territórios marcados por constantes discursos sobre poder, masculinidade, medo e sobrevivência. Suas infâncias, nas favelas brasileiras, são frequentemente atravessadas pela negação do brincar, pela carência de acesso a direitos básicos, pela exposição à violência armada e pela extrema pobreza.⁵ Nesse contexto, a escuta sensível e o cuidado são frequentemente substituídos por uma socialização precoce para a vida adulta, onde as crianças passam a conviver e aprender com experiências marcadas por normas e dinâmicas do mundo adulto. Tais discursos — vindos da mídia, da vizinhança, da polícia, das relações familiares fragilizadas e dos próprios grupos armados — moldam subjetividades desde cedo. (Tomás, 2023. p. 20) O acesso à sensibilidade, ao choro, ao cuidado e ao brincar é tolhido pela urgência de se posicionar como “homem”, como alguém que impõe respeito para não ser violentado, morto ou esquecido. Nesse processo, a masculinidade negra se constroi em oposição à invisibilidade social, buscando reconhecimento num cenário de escassez afetiva e estrutural. (Bento, 2002, hooks, 2022)

No filme *Cidade de Deus*, a masculinidade é frequentemente associada à violência, especialmente no contexto da criminalidade e da marginalização social (hooks, 2022). Essa representação reflete a realidade de muitas periferias, onde jovens negros e pobres enfrentam o abandono do Estado e a brutalidade policial, fatores que podem distorcer sua noção de identidade e justiça. Em ambientes marcados pela ausência de políticas públicas eficientes, a violência acaba sendo naturalizada e, em certos casos, até preferida à repressão institucional — como apontam estudos sobre comunidades que veem o crime organizado como menos opressor que a ação das forças de segurança (Belizário, 2016).

⁵ Disponível em:

<https://vozdascomunidades.com.br/destaques/pesquisa-no-conjunto-de-favelas-da-mare-revela-desafios-da-primeira-infancia-na-favela/>

Durante a narrativa, mesmo que Buscapé tenha feito escolhas diferentes de Zé Pequeno, ambos os personagens encaram dilemas sobre a virilidade e ser *sujeito-homem* (Cruz, 2019), o que se distancia da ideia de afetividade. Imersos nesses cenários de tensão, a presença constante da violência, logo, cria uma associação entre virilidade e violência, somado a um potencial muito prejudicial à existência desses corpos que vivem em constante conflito, como acabou sendo para Zé Pequeno. Esse fator apresentado no filme é um reflexo de diversas infâncias, em grande parte, masculinas e negras, que tendem a precisar se afirmar na sociedade com mais urgência, ainda sendo pessoas em processo de formação. “O homem jovem só é considerado viril quando sua entrada na comunidade dos homens adultos tiver sido efetivada em diferentes etapas e validada por diferentes ritos, a exemplo da iniciação sexual”, destaca Voks (2020, p. 11).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Percebemos então que, a construção da masculinidade negra no filme *Cidade de Deus* está profundamente atravessada pelo racismo (Kilomba, 2019), que nega às crianças negras a possibilidade de serem vistas como crianças, insistindo em colocá-las em posição de ameaça. A mídia e o cinema, frequentemente, operam na manutenção desse imaginário, projetando sobre os corpos negros a ideia de perigo, mesmo quando ainda são meninos (Silvia Ramos, 2006).

Assim, *Cidade de Deus* — ainda que seja elogiado internacionalmente por sua estética e denúncia social⁶ — participa de uma engrenagem de representação (Hall, 2016) que solidifica na consciência coletiva uma infância negra limitada à pobreza, vulnerabilidade, violência e ao crime. Ao apresentar essas infâncias apenas em situação de vulnerabilidade extrema e como prenúncio da criminalidade, o filme contribui para um olhar homogêneo sobre os meninos negros, apagando suas complexidades e subjetividades.

Nossos passos vêm de longe (Evaristo, 2020) e as histórias das crianças negras periféricas não começam e nem terminam na violência. Pensar criticamente essa representação é, portanto, um passo fundamental para desconstruir a ideia de que ser

⁶ Disponível em:

<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/10/cidade-de-deus-e-o-6-melhor-filme-de-acao-da-historia-diz-jornal-ingles.html>

menino negro na periferia é sinônimo de destino trágico — e para reivindicar uma infância plena, digna e diversa para todos.

Então a partir disso, elabora-se a reflexão sobre de que forma a masculinidade e a violência foram internalizadas por esses meninos representados no filme, nortearam suas vidas e a noção de quem são para o mundo. Além disso, pudemos compreender como o cinema e a construção das narrativas fictícias do bairro carioca mostra uma visão arquetípica de meninos e homens negros nos espaços que ocupam, e pode estender essa visão até a realidade social, onde as crianças negras são as maiores vítimas pela violência urbana.

REFERÊNCIAS

BELIZÁRIO, Sérgio Paranhos Fleury. Urbanização e o crescimento da criminalidade no Brasil. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

BENTO, Cida. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: MAHER, Terezinha; PEREIRA, Amílcar Araújo (orgs.). Diferenças, subjetividades e educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CRUZ, Glauber Saraiva. “SOU SUJEITO-HOMEM!”: a representação das masculinidades negras no filme ‘Cidade de Deus’. Repositório Digital LUME, Porto Alegre. Vol. 1. 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/211961>. Acesso em: 03 de abril de 2025.

CORREA, M. A. C. Masculinidades negras em movimento - O cinema negro como prática decolonial na educação. **RevistAleph**, n. 31, 2018, p. 68-101. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/39273>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

EVARISTO, Conceição. Escrivivências e outros ensaios. São Paulo: Pallas, 2020.

HALL, S. Cultura e representação. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

hooks, bell. A gente é da hora: homens negros e masculinidade. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MAIA, A. S. C. Cidade de Deus em foco - Análise de representações de jovens da periferia. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação - Compós, v. 10, 2007. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/206>. Acesso em: 30 de maio de 2024.

Livro “Cidade de Deus”: LINS, P. Cidade de Deus. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RAMOS, Silvia. A guerra nas favelas: violência, mídia e política. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (orgs.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

TOMÁS, Tayná Wienne. Eu, criança: pedagogias culturais das infâncias negras. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2023. Disponível em: <https://ppe.uem.br/teses-e-dissertacoes-1/dissertacoes/2023/2023-tayna-wienne-adorno-tomas.pdf> Acesso em 02/04/2025

VOKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana, 2021.